

# Europa pode pagar estudo de crianças brasileiras

Anamaria Rossi

Enviada Especial

Roma — Nem o governador Cristovam Buarque esperava tanto. Ao contrário do Papa João Paulo II, que lhe concedeu três minutos sem exclusividade, o presidente da Itália, Oscar Luigi Scalfaro, recebeu o governador de Brasília durante 32 minutos, ontem — mais que o dobro do que costumam durar suas audiências a autoridades do mesmo porte. O tempo dispensado a Cristovam tem uma explicação: Scalfaro ficou interessadíssimo pela Bolsa Escola, que definiu como um programa “sacrossanto”.

Os três assessores do presidente que acompanharam a reunião não pararam de fazer perguntas sobre o funcionamento do programa. E o próprio presidente sugeriu, depois de esclarecer todas as dúvidas, que cada cidade da Europa “adote” uma cidade da América Latina, financiando bolsas para estudantes carentes.

“Essa idéia é ótima”, comemorou Cristovam. “O vínculo direto entre as cidades facilita muito as coisas”, avaliou. Durante entrevista coletiva a correspondentes brasileiros e agências internacionais, no entanto, Cristovam fez questão de esclarecer que as cidades brasileiras estão fora do “programa de adoção”. “Não vim pedir dinheiro, vim dar uma idéia. Quem vem pedir dinheiro já chega na defensiva”, comentou. “No Brasil há muitos empresários ricos que podem financiar a Bolsa Escola.”

O governador aproveitou a entrevista para esclarecer a diferença que ele vê entre a Bolsa Escola e outros programas de renda mínima. Segundo ele, ao pagar R\$ 120 mensais a famílias carentes que mantêm os filhos com 7 a 14 anos na escola, não está visando o bolso do pai, mas o banco escolar. “O objetivo não é econômico, é educacional. Quero colocar toda criança na escola não porque elas vão ficar mais competentes e produzir mais. Quero colocar toda criança na escola porque sem isso um país não é decente”, justificou.